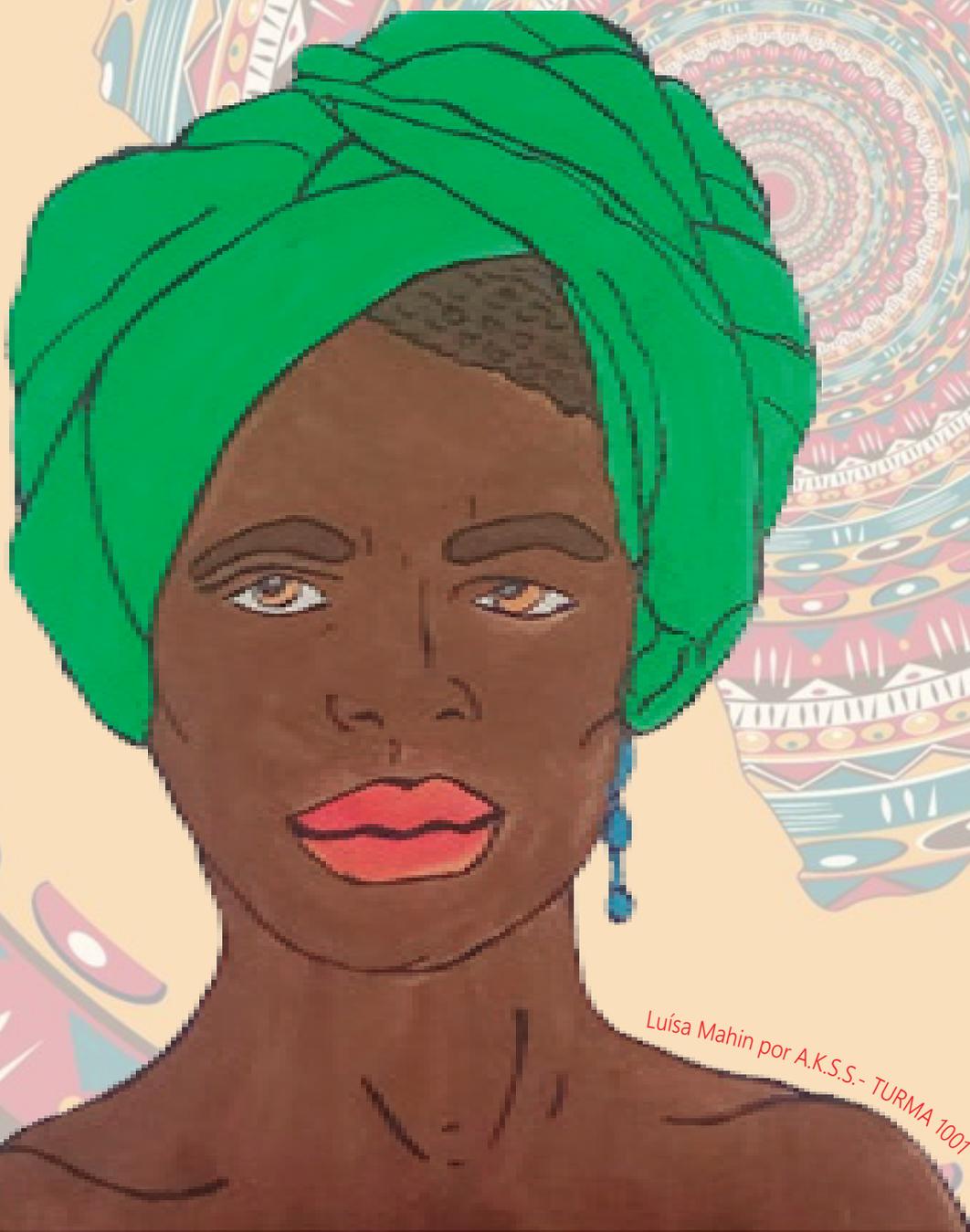


Duo de Fanzines- Fanzine II

OS HERÓIS DAS NOSSAS HISTÓRIAS



Luísa Mahin por A.K.S.S.- TURMA 1007

OS HERÓIS DAS NOSSAS HISTÓRIAS

AUTORA / PESQUISA
VIVIANE NAZÁRIO SANTOS

DISCENTES DO COLÉGIO ESTADUAL
HILTON GAMA – TURMAS
1001/1002/1004 -2022

DIREÇÃO DE ARTE
DIAGRAMAÇÃO
CAPA
JÉSSICA UCHÔA DE AMORIM

REVISÃO TEXTUAL
VIVIANE NAZÁRIO SANTOS

BRASIL, 2022

Dandara dos Palmares

“Dandara, mulher negra e guerreira é um dos principais nomes da luta negra no Brasil.

Teve papel fundamental na construção e comando do quilombo dos Palmares, um dos marcos da resistência contra o regime escravocrata brasileiro, que existiu e resistiu como quilombo por mais de 100 anos.

No quilombo de Palmares, Dandara participou do estabelecimento do primeiro estado livre nas terras da América, um estado africano pela forma como foi organizado e pensado, tanto do ponto de vista político quanto militar, sociocultural econômico.

Companheira de Zumbi, Dandara foi mãe de Aristogiton, Harmódio e Motumbo.

Dandara dos Palmares é mais uma mulher negra apagada pelo machismo e racismo, sua vivência negava o lugar social destinado para as mulheres e negras tanto na época em que viveu como hoje em dia, sua luta contra as raízes da opressão traziam extremo incômodo para a sociedade. A líder e guerreira tem sua imagem frequentemente lembrada sob a sombra de seu marido, Zumbi.”

Fonte: <https://www.sbmfc.org.br/dandara/>



Pesquisa e textos
selecionados por

J.S.E.D.S.- TURMA 1002

“Várias protagonistas negras, como Dandara dos Palmares, foram excluídas da História oficial do Brasil contada em nossas escolas, resultante não só do racismo, dentre vários fatores, mas também do machismo e do sexismo ainda existente em nossa sociedade. Como uma de suas consequências está a falta de identificação das meninas afrodescendentes com personagens femininas negras.”

Fonte:

<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/view/12106/6082>



Aqaltune, a luz radiante de Palmares

“Personagem semi-lendária da história do Quilombo dos Palmares. Teria nascido no reino do Congo, de linhagem real, e liderado uma parte dos guerreiros na Batalha de Mbwila (Ambuíla) (1665), o que resultou em sua escravização e deslocamento para a América Portuguesa, no atual Nordeste brasileiro. É lembrada como uma rainha guerreira, avó de Zumbi dos Palmares. Sua identidade ancestral é difícil de ser demonstrada. Ela não aparece mencionada nas crônicas ou nos documentos escritos à época no Reino do Congo. Em documento do Conselho Ultramarino português datado de 1681, consta que, após a invasão do quilombo de Macaco em 1577 foram aprisionados cerca de 200 homens, dois filhos do rei e a rainha. Ela era, pois, tia-avó de Zumbi, que assumiria a liderança dos palmarinos até 1695. Por sua capacidade de liderança e de resistência à escravidão, Aqaltune tornou-se um símbolo da luta das mulheres negras. Sua memória é preservada nas tradições orais, inspirou o tema de enredo da Escola de Samba Mangueira no Carnaval de 2019 e sua história é recontada em versos na obra de Jarid Arraes, Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis (2017).”

Fonte: <https://www.ufrgs.br/africanas/aqaltune-seculos-xvi-xvii/>

Zumbi dos Palmares, o último líder

“Zumbi dos Palmares (1655-1695) foi o último líder do Quilombo dos Palmares e o de maior relevância histórica. Zumbi ganhou respeito e admiração de seus compatriotas quilombolas devido suas habilidades como guerreiro, a qual lhe conferia coragem, liderança e conhecimentos de estratégia militar. Lutou pela liberdade de culto e religião, bem como pelo fim da escravidão colonial no Brasil. De todas as maneiras, não admitia a dominação dos brancos sobre os negros e, portanto, tornou-se o maior símbolo pela liberdade dos negros da história brasileira.”

Pesquisa e textos selecionados por

G.A. - Turma 1001



Aqaltune por G.A. - TURMA 1001



Zumbi dos Palmares por G.A. - TURMA 1001

Fonte: <https://www.todamateria.com.br/zumbi-dos-palmares/>

João Cândido

“João Cândido nasceu em 24 de junho de 1880, no atual estado do Rio Grande do Sul. Filho João Felisberto e Inácia Cândido. Ainda com treze anos, em 1894, apresentou-se na Companhia de Artífices Militares e Menores Aprendizes no Arsenal de Guerra de Porto Alegre, mais tarde conseguindo sua transferência para a Marinha do Brasil na capital.

No dia 22 de novembro de 1910, João Cândido, ao assumir por indicação dos demais líderes, o comando geral de toda a esquadra revoltada, controla o motim, faz cessar as mortes e envia radiogramas pleiteando a abolição dos castigos corporais na Marinha de Guerra brasileira. Foi designado à época, pela imprensa, como Almirante Negro. Por quatro dias, os navios de Guerra de Minas Gerais, São Paulo, Bahia e Deodoro apontaram os seus canhões para a capital federal. No ultimato dirigido ao presidente Hermes da Fonseca, os revoltosos declararam: ‘Nós, marinheiros, cidadãos brasileiros e republicanos, não podemos mais suportar a escravidão na Marinha brasileira’. A rebelião terminou com o compromisso do governo federal em acabar com o uso da chibata na Marinha e de conceder anistia aos revoltosos.

Além de se tornar um símbolo de resistência para toda a comunidade negra, foi muito perseguido após a Revolta da Chibata por conta da quebra do acordo de anistia.

Foi preso e por muito tempo viveu precariamente trabalhando como carregador de peixe na Praça XV. Sua morte ocorreu em 6 de dezembro de 1969, aos 89 anos, vítima de câncer no hospital Getúlio Vargas.

Após sua morte vieram várias homenagens, tanto em livros quanto em músicas feitas por diversos cantores e compositores deixando o seu legado para a história do Brasil.”



João Cândido por ALL - TURMA 1002

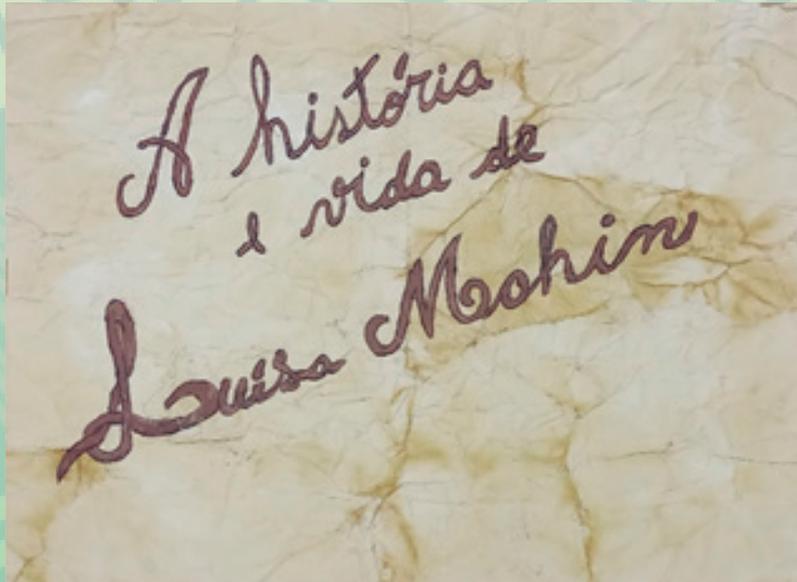
Pesquisa e textos
selecionados por

**A. L. L. e A. L. A. G. da turma
1002.**



ALL - TURMA 1002

Luísa Mahin



A.K.S.S. - TURMA 1001

“Africana guerreira, teve importante papel na Revolta dos Malês, na Bahia. Além de sua herança de luta, deixou-nos seu filho, Luiz Gama, poeta e abolicionista. Pertencia à etnia jeje, sendo transportada para o Brasil, como escrava. Outros se referem a ela como sendo natural da Bahia e tendo nascido livre por volta de 1812. Em 1830 deu à luz um filho que mais tarde se tornaria poeta e abolicionista. O pai de Luiz Gama era português e vendeu o próprio filho, por dívida, aos 10 anos de idade, a um traficante de escravos, que levou para Santos.

Luíza Mahin foi uma mulher inteligente e rebelde. Sua casa tornou-se quartel general das principais revoltas negras que ocorreram em Salvador em meados do século XIX. Participou da Grande Insurreição, a Revolta dos Malês, última grande revolta de escravos ocorrida na Capital baiana em 1835.

Pesquisa e textos selecionados por

A.K.S.S. - TURMA 1001

Em 9 de março de 1985, o nome de Luíza Mahin foi dado a uma praça pública, no bairro da Cruz das Almas, em São Paulo, área de grande concentração populacional negra, por iniciativa do Coletivo de Mulheres Negras/SP.”



Luíza Mahin por J.S.E.S. - TURMA 1002



Luíza Mahin por A.K.S.S. - TURMA 1001

Marielle Franco

“Marielle Francisco da Silva (1979-2018), conhecida publicamente como Marielle Franco, foi uma política brasileira. Formada em Sociologia (pela PUC-Rio) e com Mestrado em Administração Pública (pela UFF), Marielle foi eleita Vereadora do Rio de Janeiro pelo PSOL (Partido Socialismo e Liberdade) no ano de 2016. Negra, mulher, feminista, pobre, criada na favela e gay, Marielle representou uma série de minorias ao longo da sua vida política. A socióloga presidiu a Comissão da Mulher da Câmara, foi defensora dos direitos humanos e das causas LGBTI.

Marielle Franco ingressou em 2002 no curso de graduação em Ciências Sociais da PUC-Rio com uma bolsa integral fornecida pelo Programa Universidade para Todos (Prouni).

Antes de ter entrado na faculdade, ela havia sido aluna do Pré-Vestibular Comunitário da Maré.

Pesquisa e textos
selecionados por

A.C.O.S. – TURMA 1002



MARIELLE VIVE!

Após a graduação, Marielle ingressou no mestrado de Administração Pública da Universidade Federal Fluminense (UFF). A sua dissertação, defendida em 2014, focava na atuação das UPPs (Unidade de Polícia Pacificadora) e tecia uma análise da política de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro.

Marielle se elegeu em 2016 para a Câmara dos Vereadores do Rio de Janeiro pelo partido PSOL com 46.502 votos. Ela foi a quinta vereadora mais bem votada da cidade. Durante o mandato, a socióloga presidiu a Comissão da Mulher da Câmara. Defensora dos direitos humanos, coordenou, junto com Marcelo Freixo, a Comissão de Defesa dos Direitos Humanos e Cidadania da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (Alerj). No dia 14 de março de 2018, uma quarta-feira, o carro onde estava Marielle foi atingido por 13 tiros que tiraram a vida dela e do motorista Anderson Pedro Gomes. Na ocasião Marielle tinha 38 anos e o motorista 39 anos”.

Marielle Franco por A.C.O.S. – TURMA 1002



“Não se luta contra o racismo apenas com retórica e leis repressivas, não somente com políticas macrossociais ou universalistas, mas também, e, sobretudo, com políticas focadas ou específicas em benefício das vítimas do racismo numa sociedade onde este é ainda vivo.”

(Kabengele Munanga, 2000)